

ESTUDOS
EMERGÊNCIA
COVID

O QUE A
PANDEMIA
NOS CONTOU
SOBRE DOAR

PROMOÇÃO:



Ana Biglione
Joana Mortari

A partir de uma investigação fenomenológica, este artigo busca iluminar a natureza das alterações ocorridas na cultura brasileira de doação a partir da mobilização em decorrência dos impactos da Covid-19, assim como seus padrões ou permanências. Partimos do princípio de que a doação não é mero objeto, é uma atividade que se relaciona diretamente com dinâmicas sociais presentes em nossa realidade e tem, como pano de fundo, os arquétipos de poder inerentes à cultura brasileira. A forma como ela se expressa (como é, não como deveria ser) nos fornece insumos sobre nós, sociedade, assim como a nossa forma de ser revela aspectos – por vezes despercebidos – da doação. Para chegar nas características do doar pandêmico, ouvimos diferentes grupos focais: um com doadores e organizações de fomento ao campo e, outro, com organizações que receberam e distribuíram bens e recursos. Foram consultadas pesquisas elaboradas em 2020, dados sobre o volume doado e referências sobre o doar pandêmico em outros países. O texto busca retratar parte do movimento cultural de doação, de maneira que o leitor possa ver algo das qualidades únicas do fenômeno explorado (HOLDREDGE, 2005), refletindo e construindo suas próprias imagens. Assim, não se propõe a trazer necessariamente respostas, conclusões ou certezas. O ano de 2020 foi marcado por um doar-reflexo, mas sua experimentação, por muitos até então não-doadores, somada à uma reflexão mais profunda sobre como ele acontece e o que é gerado pela forma como é feito, tem potencial de trazer mudanças significativas para os anos que seguem.

INTRODUÇÃO: O QUE NÃO PASSOU DESPERCEBIDO?

2020. O susto de uma situação nova assola o consciente humano em todo o mundo. Aviões no solo, fronteiras fechadas, o silêncio das grandes cidades nos parece ensurdecedor. Jornais ao redor do mundo se tornam monotemáticos: a falta de ar em um planeta envolvido por oxigênio. Os dias passam e, o que parecia uma surrealidade temporária, começa a se prolongar. O indivíduo quarentenado quer se movimentar, sua alma está inquieta. Mas como?

Enquanto muitas pessoas pareciam ter suspenso o viver, o campo de promoção da filantropia e de ações sociais trabalhava em ritmo frenético, assim como profissionais da saúde ou indivíduos que atuam nas atividades mais essenciais. Mais do que um aumento da velocidade, pareceu também haver um novo movimento, quase uma inversão. Nas comunidades e iniciativas sociais, diversas organizações e lideranças pararam de fazer tanto esforço para mobilizar recursos e começaram a receber ofertas de doações. Fundos filantrópicos se multiplicaram, campanhas de apoio a hospitais, distribuição de alimentação e itens de higiene nasciam a cada dia.

Nas palavras de um empreendedor social da área de fomento à doação: “Fiquei anos e anos me sentindo sempre marginalizado... Não é possível, pensei por anos, que não me entendiam. De repente a coisa começou a mudar, rapidamente”. Ou nas de um empreendedor social na área do fortalecimento comunitário em resposta à pergunta “o que mudou com a pandemia?": “Bom, começamos a ser procurados por organizações que queriam doar.”

A expressão parcial dessa virada resultou nos celebrados 6,5 bilhões de reais doados, nas mais de 540 campanhas de arrecadação para saúde e assistência social (ABCR, 2020), nas inúmeras histórias de pessoas, empresas e organizações sociais que, ainda que de portas fechadas, sustentaram salários

de funcionários que não puderam trabalhar, ou mesmo nas ações de apoio a pequenos empreendedores cuja atividade ficou completamente em risco. O toque de recolher parece ter acordado uma parcela das pessoas antes adormecida.

Ainda que positiva e significativa, a virada no fluxo de esforços para obtenção de recursos parece também manter aspectos desafiadores e, ao olharmos para esse movimento abrupto de doações, veremos que ele em si não é exatamente uma novidade. Lex Bos (2010, p. 142) afirma que o impulso humano formativo de uma doação tem duas direções: pode vir de dentro do indivíduo, em processos de ressignificar bens, tomar consciência sobre sua relação com o mundo ou, como nesse caso, pode vir de uma necessidade do mundo, que “puxa para fora” um movimento interno no indivíduo, que se manifesta em doação. Terremoto, fome, rompimento de barreira e, nesse caso, pandemia.

**ENQUANTO MUITAS
PESSOAS PARECIAM TER
SUSPENDIDO O VIVER, O
CAMPO DE PROMOÇÃO DA
FILANTROPIA E DE AÇÕES
SOCIAIS TRABALHAVA EM
RITMO FRENÉTICO, ASSIM
COMO PROFISSIONAIS DA
SAÚDE OU INDIVÍDUOS QUE
ATUAM NAS ATIVIDADES
MAIS ESSENCIAIS**

Segundo o autor sociólogo holandês, em situações extremas o doar é guiado internamente pela pressão moral, quando um indivíduo se depara com as diferenças materiais entre sua vida e a de outros (BOS, 2010, p. 144). A pandemia, diferentemente de uma situação emergencial localizada, é uma situação que se apresenta, ainda que não de forma igual, para todos, nos fazendo ainda mais sensíveis a seus efeitos. Ela aponta um feixe de luz na desigualdade existente e na precariedade social brasileira, colocando-a em evidência. Fica escancarada a realidade material abundante de uns em relação à escassez de outros. No momento de uma urgência palpável como essa, parece haver um alinhamento fortuito entre a angústia interna e a necessidade externa. “O doar apazigua as agitações da consciência humana, responde à percepção do desnível entre possuidores e não possuidores, da necessidade de deixar a água vital fluir de nossa represa para a parte seca” (BOS, 2010, p. 146).

UMA MUDANÇA EXPRESSIVA DEPENDE DESSA QUALIDADE COLETIVA, DA ATIVAÇÃO E COAUTORIA DE CADA INDIVÍDUO DA SOCIEDADE CIVIL NA CONSTRUÇÃO DA DEMOCRACIA QUE QUEREMOS E MERECEMOS

Uma das grandes perguntas feitas em 2020, repetida por jornalistas em entrevistas e notícias de jornais, é se o brasileiro havia se tornado, nas palavras deles, mais solidário. Ao mesmo tempo em que uma grande onda de doações é inegável, o impulso de doação que nasce com a pandemia parece ter natureza emergencial e não necessariamente acarretar uma mudança de longo prazo ou o desenvolvimento do hábito de doar.

Ao mesmo tempo, precisamos reconhecer que muita coisa aconteceu. O ano de 2020 foi de grande experimentação e movimento, de uma importante mobilização social. Pessoas que não estavam habituadas a doar encontraram na mídia informações sobre como fazê-lo, descobriram caminhos, pediram ajuda, e ao vivenciar o ato de doar, puderam experimentar um lugar mais protagonista na construção da realidade desejada. Para o doar, 2020 parece ter sido também um ano de semeadura.

1 METODOLOGIA: COMO VER ATRAVÉS DO EVIDENTE?

Se desejamos retratar o movimento de mudança que a pandemia de Covid-19 gerou na cultura de doação, se desejamos explorar com mais profundidade suas reverberações, precisamos nos abrir para perguntar: houve mesmo mudança? Se sim, onde, como? O que nasceu ou se fortaleceu? O que morreu ou perdeu força? E, ainda mais além: precisamos olhar para o que se manteve.

A porta pela qual decidimos nos aventurar nesse estudo foi uma exploração fenomenológica a partir de dois grupos focais com integrantes do Movimento por uma Cultura de Doação (2011) – um movimento plural e autônomo que congrega pessoas de diversas iniciativas que se sentem, de algum modo, conectadas e engajadas com a promoção de uma cultura de doação no Brasil – e alguns outros convidados que os compuseram: um de doadores e organizações de fomento à doação e um de organizações sociais. Na fenomenologia, a realidade

é compreendida por meio da experiência vivida, de um exame atento das experiências individuais. É a partir dessas experiências que procuramos capturar o significado e as características comuns, ou essências, de uma experiência ou evento (STARKS e TRINIDAD, 2007, p. 1.374).

A partir de uma “rota de questionamento” (MASSEY, 2011, p. 21) sobre exemplos concretos da própria experiência sobre as mudanças em relação à doação, nossas conversas buscaram evitar respostas que representassem intenções ou desejos e que poderiam estar distanciadas da realidade (KRUEGER, 2006). Buscamos mergulhar no quê e no como aconteceu, nas histórias vividas ou relatadas, cuidando para que as vozes opostas a um ponto de vista também aparecessem. Os grupos focais foram a principal estratégia de identificação dos aspectos de mudança, e consideramos como fontes secundárias pesquisas, estudos e dados de sites de organizações fomentadoras do campo.

Dançando entre o que emergiu das conversas e o que nos chamou a atenção nesses estudos, fomos buscando construir um retrato desse movimento cultural, algo que não se propõe a trazer necessariamente respostas, conclusões ou certezas, mas que intenciona que vejamos algo das qualidades únicas do fenômeno explorado (HOLDREDGE, 2005), indo na direção das dinâmicas e relações, normalmente subjacentes e pouco visíveis em modelos tradicionais de análise.

2 OS DOADORES E AS DINÂMICAS DE PODER DE UM CENTRO DOADOR

Os doadores e suas doações foram celebrados em 2020, quanto a isso não há dúvidas. Segundo a Pesquisa Doação Brasil, em 2015 o valor estimado de doações de indivíduos foi de 13,7 bilhões de reais (IDIS, 2015). O valor estimado de doações de empresas, institutos

e fundações empresariais, familiares e independentes, segundo o Censo GIFE de 2014, foi de 3 bilhões de reais (GIFE, 2015)¹. Os valores do Monitor de Doações, 6,5 bilhões de reais, referem-se apenas àqueles endereçados a combater os efeitos da pandemia (ABCR, 2020). Ou seja, o equivalente a aproximadamente 40% de recursos doados por ano, no Brasil, foi doado, em 2020, para endereçar os efeitos da pandemia.

Mas além do montante *per se*, a pergunta que nasceu foi: algo na forma como essas doações foram feitas foi diferente? Quais dinâmicas se fizeram presentes e o que essas dinâmicas revelam sobre nossa cultura de doação atual e suas tendências?

2.1 Colaboração: um passo na direção do outro

Ainda que a cultura brasileira tenha fama de calorosa e aberta, o brasileiro, de maneira geral, ainda identifica o governo como o principal responsável pela resolução dos problemas sociais (IDIS, 2015) e a colaboração não costuma ser predominante na forma como as doações são feitas. O que em outros países é um valor formativo cultural, no Brasil é um desafio.

Antes da pandemia, podíamos contar nos dedos as doações que foram pensadas colaborativamente – o grande carro-chefe que rege esse campo no Brasil sempre foram iniciativas individuais, empresariais ou familiares (GIFE, 2019). Nesse sentido, o nascimento de iniciativas colaborativas de doação – de uma filantropia colaborativa (GIFE, 2020), tal como o próprio GIFE vem buscando ampliar entre seus associados – foi um aspecto marcante no enredamento dos recursos doados em 2020. Apesar de não ser uma novidade no campo da doação (principalmente internacionalmente), esse modo de atuação ganhou forma, liderança e força. Inclusive no meio corporativo. As maiores empresas brasileiras de telecomunicações se uniram para ressaltar

1 O Censo GIFE de 2014 não é o mais recente, porém é o mais próximo da Pesquisa Doação Brasil 2015. O Censo GIFE de 2018 estima o valor de 3,2 bilhões de reais (GIFE, 2015, 2019).

a importância do distanciamento físico na campanha #FiqueBemFiqueEmCasa (MTJCV, 2020). Três dos maiores bancos brasileiros investiram conjuntamente em testes rápidos, entre outras ações, fato que foi ressaltado por um dos participantes dos grupos como um “movimento inédito”. Nasceram ações como o Movimento UniãoBr (s.d.), autodescrito como um “movimento voluntário da sociedade civil brasileira, sem envolvimento político, para fortalecer o combate aos efeitos da pandemia do novo coronavírus”, que começou com um grupo de WhatsApp e se espalhou, como fogo na caatinga, pelo Brasil afora, dividindo-se em núcleos estaduais, tendo sido, inclusive, uma das ações premiadas pela Folha de São Paulo em 2020.

Inúmeros financiamentos coletivos se formaram e se espalharam por plataformas já existentes, que se tornaram mais conhecidas. Algumas dessas ações explicitamente buscavam um engajamento colaborativo, onde um doador convoca outros, como o Movimento #FamiliaApoiaFamilia (BENFEITORIA, s.d.). Na plataforma, esse movimento do individual ao coletivo se expressou, inclusive, em palavras: “E acima dessa imensa crise [do coronavírus] está uma batalha maior: a dos valores coletivos *versus* os valores individuais. [...] Essa também é uma janela de oportunidade para mostrarmos a potência que temos quando nos unimos” (BENFEITORIA, s.d.a). A colaboração parece se evidenciar não apenas como um meio para um fim específico e, espera-se, não temporário, mas sim como uma causa em si própria. Uma mudança expressiva depende dessa qualidade coletiva, da ativação e coautoria de cada indivíduo da sociedade civil na construção da democracia que queremos e merecemos.

O movimento de colaboração pode então ser visto como um movimento de formação cidadã, uma semente na mudança do paradigma dos papéis exercidos pelo Estado e pela sociedade civil, entre indivíduos (e seus desejos e opiniões próprias) e grupos. Nesse

sentido, a doação com a pandemia pode alcançar um papel formativo, individual e coletivo. Para além do endereçamento da causa ou efeito de uma disrupção de acesso à saúde ou igualdade social, ela pode funcionar como um despertador, um deslocar do indivíduo do “fazer para si” para o “fazer para o outro” e do “fazer sozinho” para o “fazer com o outro”, como de fato aconteceu em alguns casos.

2.2 O caminhar rumo à liberdade para todos

Ainda que tenhamos dado passos em relação a desenvolver mais movimentos colaborativos, uma característica intrínseca da doação institucionalizada se tornou bem visível: na relação entre doar e receber, há um centro de poder e recursos que doa e uma periferia que recebe (cujo poder está disperso). Nessa relação, parecemos ainda reproduzir alguns aspectos culturais de uma atitude brasileira servil e subalterna, dessa vez na figura das organizações sociais. Como atores que recebem os recursos e bens doados e que se dispõem a repassá-los aos beneficiários finais, as organizações assumem, conscientemente ou não, tanto o risco do contágio durante a pandemia, quanto os custos ou desafios da implementação. Nesse sentido, ainda que a celebração e o reconhecimento aconteçam para ambos, a imagem que se forma é que doadores exercem uma liberdade, enquanto organizações sociais exercem uma obrigação.

A escolha do centro doador aponta uma priorização dos recursos em duas direções: um na direção de apoiar ações de saúde e outro, de ações de assistência social. Na saúde, os recursos doados se organizaram primordialmente em forma de fundos filantrópicos para apoiar uma infraestrutura de saúde e pesquisa e, na assistência social, grande parte dos recursos filantrópicos tomaram forma de campanhas de arrecadação que intermediam a compra de cestas-básicas (ABCR, 2020),

endereçando a subsistência (alimentação) e proteção (álcool gel, produtos de limpeza) de famílias de baixa renda.

Foi marcante a escolha, consciente ou não, dos doadores por entregarem bens materiais (cestas-básicas) ao invés de repassar recursos financeiros diretamente ou em forma, por exemplo, de cestas-digitais, que transfere ao beneficiário o poder de escolha sobre o que comprar. Uma das organizações presentes no grupo focal conta orgulhosamente que conseguiu, nas duas campanhas pelas quais foi beneficiada, conversar com os organizadores para que os recursos doados pudessem ser usados em cestas-digitais e não em cestas-básicas. Uma outra campanha, apesar de ter autorizado as cestas-digitais, não menciona essa escolha em seus materiais de comunicação, priorizando imagens das entregas de cestas com produtos finais, o que, de certa maneira, parece se desviar do desafio de assumir a entrega de cestas-digitais, evitando, assim, uma possível reação negativa de seus doadores.

Em nome do medo do uso do recurso de maneira diferente daquela que se acredita ser a certa, doadores padecem por exercer poder, definindo o uso do recurso doado. Uma relação de confiança entre quem doa e quem recebe parece somente ser possível a partir de ações que são controladas e comprovadas. Será isso confiança? Nesse sentido, o que aparece como pouco relevante, seja pela urgência do fazer à época ou pela falta de reflexão sobre o assunto, é o questionamento da estrutura de poder subjacente à escolha do que uma pessoa irá comer (ou deve ou não fazer).

Se, por um lado, parece que ainda estamos longe de uma realidade em que a doação gere, predominantemente, uma real transferência de poder do centro para a periferia, por outro há um reconhecimento, por parte de algumas pessoas com quem falamos nos grupos focais, de uma maior humildade das empresas e doadores, que passam a dar voz e escutar lideranças comunitárias e do terceiro

setor. “Mudou um pouco a visão do ‘eu sou dono do capital; eu falo, você faz’”, é o que escutamos em um depoimento de um líder de organização de fomento ao campo. O próprio fato de que há alguém reconhecendo e alguém sendo reconhecido torna visível esse movimento de transferência.

A dinâmica da manutenção do poder, que dá sinais de movimento, parece conservar algo já comum antes da pandemia: é reconhecido aquele que se aproxima da linguagem e da cultura do doador e não o contrário: se, por exemplo, o doador é um empresário, é valorizado aquele que consegue “falar a língua do empresariado”. Isso é muito marcante nessa relação centro-periferia porque não é o saber periférico que está sendo reconhecido, ou mesmo um novo saber que nasce dessa relação, mas sim o do centro doador.

A movimentação do poder centrado no recurso – e, portanto, no doador –, inerente ao sistema econômico de capital, para um doar que abre mão desse poder e o deposita em quem recebe, contribui para uma mudança sistêmica muito mais profunda do que os resultados da

**UMA RELAÇÃO DE
CONFIANÇA ENTRE QUEM
DOA É QUEM RECEBE
PARECE SOMENTE SER
POSSÍVEL A PARTIR
DE AÇÕES QUE SÃO
CONTROLADAS E
COMPROVADAS**

própria doação. Uma doação pode amenizar os efeitos da pandemia e, a depender da forma como é feita, pode também mudar (ou manter) dinâmicas subjacentes de poder (e desigualdade) muito anteriores a ela.

E, seja aqui ou no mundo todo, quando o paradigma atual de poder se manifesta na forma como a filantropia é praticada, a própria filantropia o perpetua. “O doar, a generosidade e o impulso humano para cuidar de pessoas necessitadas são aspectos positivos de nossa humanidade. A filantropia como uma prática institucionalizada, no entanto, muitas vezes perpetua a dinâmica de poder entre doadores e receptores”, é o que afirma o Justice Funders (s.d.).

Abrir mão de poder por meio de parcerias autênticas e próximas, de doações menos controladas e mais acordadas, em que os beneficiários dos recursos detêm o direito de definir o uso do recurso a partir do que percebem como mais relevante para sua atuação, parece ser um modelo de doação que promove um outro tipo de virada: uma mudança histórica na relação entre quem tem e quem não tem poder econômico.

Seria a percepção de mudança sentida nos grupos focais uma semente, aqui no Brasil, para um paradigma filantrópico focado na formação de uma comunidade entre quem tem recursos e quem sente os efeitos as injustiças estruturais? Qual o papel de cada um de nós para que possamos assoprar a vela do barco nessa direção?

3 AS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS E ALGUNS PADRÕES SUBJACENTES

Ao discorrermos sobre mudanças sob o ponto de vista das organizações da sociedade civil organizada é preciso, primeiro, lembrarmos da diversidade existente dentro do termo organização da sociedade civil: diferentes causas, formas de financiamento, níveis de proximidade com recursos ou serviços públicos, orçamento. Dessas,

estamos excluindo deste estudo clubes esportivos, associações de classe, alguns hospitais e outras entidades privadas². Entre as organizações sociais de defesa de causas e atendimento à população, e em relação à doação, objeto deste estudo, observamos movimentos distintos.

Um estudo sobre os efeitos da pandemia mostrou que 87% das organizações sociais entrevistadas ofereceram atendimento às populações afetadas pela pandemia, destacando-se a distribuição de alimentos e produtos de higiene e atividades de conscientização sobre seu perigo (MOBILIZA CONSULTORIA e REOS PARTNERS, 2020). Das organizações ouvidas, 73% relataram terem sido enfraquecidas pela crise.

Nos grupos focais que conduzimos, o que ficou bem aparente para as organizações sociais foi a sensação de virada, mencionada anteriormente, em relação ao fluxo de recursos – quando as organizações passaram a receber uma repentina oferta de doações. Mas como então se enfraqueceram?

3.1 A celebração, a exaustão e o risco

Uma repentina oferta de doações não é uma mudança sutil e nem passa despercebida na vida de organizações que estão constantemente preocupadas com recursos para sua sustentabilidade financeira. Uma das organizações presentes no grupo focal relatou que captou o equivalente a um terço de seu orçamento anual para a assistência da população do entorno, de maneira muito mais rápida e fácil do que teria normalmente captado para financiamento de seu atendimento regular.

Embalsamadas no caldo cultural brasileiro, em um contrato não escrito mas facilmente percebido sobre o lugar de cada um, e munidas de recursos, as organizações sociais se atiraram em direção ao fazer. Em um primeiro momento, parecem não ter se atentado ao fato de que os recursos, em sua maioria, fluíram por elas com destino às

² Ainda que consideradas de fins não econômicos pelo Código Civil Brasileiro, por terem sua natureza e propósito distintos das organizações da sociedade civil.

comunidades atendidas e trabalharam, muitas vezes, sem receber recursos que financiassem sua própria existência. Além disso, na agudeza do momento, muitas assumiram o trabalho de assistência social ou de ajuda emergencial como um lugar eminentemente seu – ainda que essas atividades não fizessem, até aquele momento, parte de sua atuação. “Não tínhamos essa atuação assistencial, mas fomos chamados, jogados de um dia para o outro nesse lugar”, é o que nos conta a coordenadora de uma organização de atendimento no contraturno escolar.

Esse quadro onde os recursos (sejam eles emergenciais ou não) são prioritariamente direcionados aos beneficiários não é novo e remete ao conhecido desafio das organizações sociais de captarem para atividades meio – que sustentam a estrutura e a existência da organização, como custos da estrutura física ou salários administrativos. Em outras palavras, a chamada estrutura institucional acaba sendo preterida pela maioria dos doadores, que escolhem as atividades fim como seu foco (e parecem esquecer-se de que, sem a organização como um todo, esse trabalho não seria possível).

Mas se, por um lado, os recursos arrecadados não necessariamente contribuíram para a sustentabilidade das organizações sociais, por outro a importância de sua capilaridade foi reconhecida e celebrada. Tanto no grupo focal de doadores, como nas conversas que aconteceram em 2020 no Movimento por uma Cultura de Doação, falou-se, animadamente, de um reconhecimento da população brasileira sobre a importância das organizações da sociedade civil. O invisível torna-se visível, o que se sabe ser essencial para o fortalecimento do setor social brasileiro. Assim, o campo social pode celebrar o reconhecimento nacional da importância dessa capilaridade na conexão entre recursos e população, algo que talvez tenha sido ainda mais essencial no contexto da ausência de um esforço coordenado do governo federal, estados e municípios junto à sociedade civil, como acontece em outros lugares do mundo.

O que ainda parece estar pouco consciente é o enfraquecimento institucional e esgotamento sentido pelas organizações sociais em 2020. No grupo focal das organizações sociais, que aconteceu em dezembro daquele ano e após quase nove meses de trabalho ininterrupto, o estado de exaustão e a sensação de que ainda havia muito a ser feito saltava aos olhos. A liderança de uma organização social presente no grupo focal declarou que, àquela altura, não sabia se seria capaz de pagar sua equipe a partir de fevereiro do ano seguinte.

Parece que o que está sendo pedido das organizações sociais ultrapassa o limite do saudável e chega próximo ao ponto de sua própria extinção. Corremos um sério risco de, ao olharmos para organizações extintas em 2021, considerá-las como fruto natural de uma evolução darwiniana, julgando-as ineficientes em seus processos, esquecendo-nos, no entanto, da dinâmica cultural mais profunda que se expressa na intersecção entre a resistência dos doadores em direcionarem recursos para seu fortalecimento institucional e a falta de poder das organizações sociais de demandarem tais recursos.

MAS SE, POR UM LADO, OS RECURSOS ARRECADADOS NÃO NECESSARIAMENTE CONTRIBUÍRAM PARA A SUSTENTABILIDADE DAS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS, POR OUTRO A IMPORTÂNCIA DE SUA CAPILARIDADE FOI RECONHECIDA E CELEBRADA

Os sinais começam a aparecer. Um dos estudos sobre o impacto da Covid alerta para o fato de estarmos enfraquecendo o sistema de enfrentamento dos efeitos nocivos posteriores à crise em si (MOBILIZA CONSULTORIA e REOS PARTNERS, 2020). Segundo um outro estudo, a pandemia pode gerar, no longo prazo, falta de trabalho e renda, violência, defasagem em educação, problemas de saúde, uso de drogas e vulnerabilidade infantil (ITAÚ SOCIAL, 2020). Parece despontar a necessidade de se cuidar de quem cuida, para onde os olhos dos doadores individuais e institucionais precisam se voltar.

3.2 Tecnologia e rede: forças de mudança e ou de manutenção?

Ainda que para a maioria das organizações a pandemia tenha sido um baque, algumas relataram terem se fortalecido durante o ano (MOBILIZA e REOS PARTNERS, 2020). O grupo focal com doadores e empreendedores sociais do campo da filantropia diferenciou organizações que já captavam ou conseguiram captar recursos em plataformas digitais, que obtiveram melhores resultados financeiros durante o ano, das que, de maneira geral, mobilizavam recursos com eventos físicos e tiveram suas atividades de mobilização suspensas (e, portanto, uma menor captação). Esse filtro tecnológico parece ter sido mais um dos aspectos que distanciaram ainda mais a elite de organizações sociais das demais, reproduzindo, de algum modo, na própria diversidade desse campo, uma desigualdade social.

Ao mesmo tempo, parece ter provocado um centro, que estava próximo da transição, a se movimentar em direção à captação *online*. Houve uma explosão de eventos digitais, como as *lives*, seguidos de um uso criativo de plataformas virtuais que ganharam força em 2020, como o Zoom, possibilitando captações que até pouco tempo pareciam sonhos distantes. Um conselheiro de organização social que estava em nossos

grupos focais relata que a organização social da qual ele participa fez uma *live* de muito sucesso financeiro em 2020, captando praticamente o orçamento anual da organização em um único encontro, mas que ele não enxerga o mesmo acontecendo nos anos que seguem. Vai se tornando evidente uma diferença significativa entre uma migração temporária de recursos, que aproveita um momento em que doadores estão sensíveis e que todos estão em seus computadores (o que, para alguns, se converteu em uma estratégia de grande sucesso), e um investimento estrutural para mobilização de recursos, inclusive *online*, de maneira mais perene.

Mas ainda há uma outra questão para além da estruturação ou capacidade técnica, que nos remete novamente à manutenção de um padrão social de desigualdade e que podemos compreender ao olharmos com mais atenção para os exemplos de financiamentos coletivos. Ainda que esse mecanismo tenha como natureza ser uma forma de democratizar a doação, existe um elemento central que impede que isso de fato aconteça em todo o seu potencial: “tem algo no *crowdfunding* [que] é muito forte, quase cruel, que é: ‘não basta saber pedir, tem que ter rede’”, é o que declara um membro presente no grupo focal. “Quando você pega essas grandes mobilizações, é de quem tem rede”, finaliza.

O que esses exemplos revelam é que uma rede de relacionamento com poder financeiro é um divisor de águas. Nesse sentido, assim como um olhar atento à distribuição do poder e ao cuidado das instituições e suas equipes na promoção do fortalecimento das organizações da sociedade civil, parece haver necessidade de iniciativas que tenham como foco o acesso a recursos para organizações que não contem com rede de relacionamento, ou o apoio em sua construção, criando pontes que possam, de fato, mexer em dinâmicas subjacentes de manutenção do nosso *status quo*.

4 AS ORGANIZAÇÕES INTERMEDIÁRIAS E DE FOMENTO E AS CONTRADIÇÕES INERENTES AO CAMPO

O Monitor de Doações (ABCR, 2020) registra mais de 540 campanhas de financiamentos coletivos para endereçamento dos efeitos da Covid-19. Apenas a plataforma de financiamento coletivo Benfeitoria (s.d.) contabilizou mais de 150 milhões de reais doados aos mais de 4,5 mil projetos que passaram pela plataforma em 2020. Somente via *matchfunding*, foram quase 45 milhões de reais em doações aos projetos, aproximadamente 20 vezes mais do que no ano anterior.

Um intermediário declara, em um dos grupos focais, em um tom que mistura animação e espanto, que as doações tinham crescido 30% ao ano nos últimos anos, e que “este ano vamos crescer 1.000%”. Consultores do campo e outras organizações intermediárias também nos contam sobre o aumento significativo de pessoas – clientes – que se aproximam querendo entender seu papel e agir em relação às questões socioambientais.

Todo o campo da doação – seus agentes, pensadores, consultores, organizações estruturantes –, de um modo geral, esteve em posições de visibilidade e colheu os frutos do trabalho protagonizado pelas organizações da sociedade civil e líderes comunitários, destacando-se nos noticiários nacionais em volume e intensidade nunca antes vistos. Assim como nas doações em si, a virada sentida se reflete no fato de que a pauta da doação deixou de ser empurrada e incentivada na mídia por poucos (normalmente integrantes do próprio campo social) para ser puxada, criando uma demanda e um certo *frisson* entre aqueles que, de um momento para o outro, começaram a ser desejados pela mídia, demandados para entrevistas ou afins. A sociedade brasileira parece mais porosa tanto para reconhecer o papel fundamental do setor social (e da saúde pública) quanto para conversar sobre a importância da doação.

O Movimento por uma Cultura de Doação pode ser considerado um exemplo. Conforme eram confrontados com os desafios que a pandemia estava trazendo – como sociedade e como cidadãos –, as iniciativas e os convites, as trocas de mensagem de mobilização, a divulgação e a ajuda para doações cresciam, tornando seu grupo de WhatsApp um espaço essencial de troca de inteligência e informação, de sementeira de alianças colaborativas e de anúncio de ações de resposta (ou de enfrentamento) da pandemia. Dessa enxurrada de mensagens, iam nascendo ações extremamente expressivas para esse campo, tal como as colaborações em torno do próprio Monitor de Doações (ABCR, 2020), que citamos diversas vezes como referência neste artigo, pois congrega dados numéricos sobre as doações no Brasil em relação à Covid-19, trazendo consciência para o movimento de doação em tempo real.

**TODO O CAMPO
DA DOAÇÃO, DE
UM MODO GERAL,
ESTEVE EM POSIÇÕES
DE VISIBILIDADE E
COLHEU OS FRUTOS
DO TRABALHO
PROTAGONIZADO PELAS
ORGANIZAÇÕES DA
SOCIEDADE CIVIL E
LÍDERES COMUNITÁRIOS**

Alguns de seus membros descreveram o Movimento, ao longo do ano, como um lugar de renovação da esperança, onde se compartilha boas notícias frente a um cenário onde as que circulavam na mídia tradicional eram, por vezes, assoladoras. Institucionalmente – considerando o limite da institucionalidade que um movimento pode ter –, ele se fortalece com a entrada de novos membros (organizações da sociedade civil, áreas de sustentabilidade de empresas, institutos e fundações, prestadores de serviços de promoção à filantropia, bancos, indivíduos), atraindo parceiros e doadores, alcançando recorde em sua captação, o que costuma ser um grande desafio para iniciativas intermediárias³. Normalmente as doações costumam priorizar organizações fim em detrimento dos que atuam como mediadores e fomentadores do campo, fenômeno similar ao que retratamos com as organizações sociais em relação a suas atividades meio.

Ao final de um ano tenso, aqueles que atuam ajudando a promover a doação e a filantropia ganharam destaque com a pandemia, foram demandados e ouvidos. Será que a filantropia precisa sempre contar com um desastre ou emergência para que ganhe destaque? Será esta uma de suas contradições intrínsecas ou há espaço para que pensemos em uma filantropia que não apenas ganhe espaço quando existem emergências, mas sim revele e atue frente às necessidades subjacentes de cada momento?

5 UMA OBSERVAÇÃO SOBRE AS RELAÇÕES DE CONFIANÇA

Historicamente, no Brasil, há um baixo nível de confiança em relação às organizações da sociedade civil, ainda que o Trust Barometer 2020 (EDELMAN, 2020) tenha apontado um crescimento de dois pontos percentuais em relação ao ano anterior. A desconfiança sistêmica tem fatores diversos e complementares. O

primeiro foi a marca deixada, no começo do século, por denúncias de repasses indevidos de recursos públicos, que usaram organizações sociais como receptoras de recursos. O segundo identifica que, em países onde a corrupção é sistêmica, a lente da desconfiança perpassa os campos da vida pública e privada (CAF, 2014). Um terceiro ponto é que as organizações sociais são as únicas percebidas como éticas pela sociedade em geral (EDELMAN, 2020), ou seja, há uma expectativa de atuação relacionada a propósito e moral que não se aplica a empresas e governos. Quando um caso de falta de ética atinge uma organização da sociedade civil, a dor e a marca são intensas.

Esse olhar pela lente da desconfiança se expressa na relação entre doador e organização social pela forma como entendemos – não apenas como sociedade, mas como setor social – a necessidade de as organizações da sociedade civil se provarem merecedoras de recursos, o que acarreta em uma série de obrigações (que esbarram novamente na relação de poder e importância

**AO FINAL DE UM ANO
TENSO, AQUELES QUE
ATUAM AJUDANDO A
PROMOVER A DOAÇÃO
E A FILANTROPIA
GANHARAM
DESTAQUE COM A
PANDEMIA, FORAM
DEMANDADOS E
OUVIDOS**

³ Iniciativas intermediárias são aquelas que têm como foco ampliar e fortalecer a infraestrutura do ecossistema de doações e o fortalecimento da sociedade civil no Brasil.

de quem detém recursos *versus* quem não os detém). Dessa conjuntura nasce, inclusive, a oportunidade de fortalecermos sistemas que intermediam a relação de confiança, como as certificações. A depender de como são conduzidas as certificações, o doador pode continuar no polo passivo e a organização com a tarefa extra de se provar digna de seus recursos (agora para a certificadora), uma tarefa com maior viabilidade nas organizações mais maduras (ou mais adequadas à essa lógica), aumentando a distância entre elas e as demais. “Eu acho que a gente deveria trocar formulários gigantesco por mais proximidade”, declara um empreendedor social, “o que não mudou é a necessidade de se provar honesto”, completa outro participante do grupo focal. A falta de confiança parece acentuar o sistema como antidemocrático ao restringir a escolha de organizações sob uma mesma perspectiva, comumente alicerçada

em estruturas de pensamento que não abarcam a diversidade de organizações sociais existentes, reduzindo assim a própria pluralidade cultural brasileira, suas formas de fazer e se organizar. Será esse o caminho que gostaríamos de seguir?

Do lado dos chamados doadores institucionais ou investidores sociais, a falta de confiança se expressa na opção – comum no Brasil – de operarem seus próprios projetos, bem como no nível de controle aplicado aos recursos doados. Durante a pandemia, as doações foram significativamente despidas de seus usuais processos de controle, da mesma forma que em outros países do mundo (ORESTEN e BUTEAU, 2020). Será que

isso significa que estamos restabelecendo relações de confiança? – pergunta que também aparece com frequência em conversas do grupo do Movimento. Nos Estados Unidos, a maioria das fundações reviu suas práticas, tornando-as mais flexíveis e responsivas. “Eles estão afrouxando as restrições de doações, fornecendo financiamento mais irrestrito e reduzindo o que pedem dos donatários. Muitos planejam continuar essas práticas no futuro, embora em menor grau do que durante sua resposta à pandemia” (ORESTEN e BUTEAU, 2020, p. 3).

DURANTE A PANDEMIA, AS DOAÇÕES FORAM SIGNIFICATIVAMENTE DESPIDAS DE SEUS USUAIS PROCESSOS DE CONTROLE

O que é interessante aqui é que, se isso nos soa como uma possibilidade de avanço é porque, ao notarmos a maneira como o campo dos investidores/doadores se estruturou, podemos perceber um formato aprisionado em processos rígidos que, em nome de um teórico profissionalismo, talvez perca de vista até mesmo sua efetividade e prenda as

organizações sociais, que estão próximas da causa endereçada, na posição de executores da vontade de outrem.

Nesse aspecto, também parece que a experimentação forçada pela urgência trazida pela pandemia criou um espaço para posterior reflexão e conscientização sobre as forças que timoneiam a forma como doamos. A flexibilização vem como uma necessidade premente durante a pandemia, mas não será ela um retrato de uma rigidez excessiva que se consolidou bem debaixo de nossos narizes e que clama por ser revista?

6 CONSIDERAÇÕES (QUASE) FINAIS

Um estudo fenomenológico, mais do que dar respostas, busca criar condições para as pessoas refletirem sobre as perguntas, criarem por si mesmas uma compreensão acerca do que lhes é descrito (VAN MANEN, 2016). O que cada um compreende é único, plural e, ainda assim, um reflexo do todo.

Na parte que visualizamos desse holograma, em 2020 o brasileiro ficou mais poroso para assuntos relacionados à doação, ainda que o aumento das doações não signifique, por si só, uma sociedade mais doadora ou mais saudável. Mas o começo de uma mudança na percepção do cidadão em relação ao seu engajamento, um processo de autoconsciência, pode ser semente para uma mudança sistêmica. A depender de como acontece, a experimentação do doar pode se mover de um doar-reflexo, que nasce como resposta a um fator externo (emergência), para uma vontade interna mais perene e consistente de contribuir para a construção da realidade almejada. Esse doar-intenção vai além de emergências e endereça dinâmicas sociais que, justamente por estarem muito arraigadas em nossa sociedade, talvez não sejam tão evidentes quanto uma emergência, nem nos pareçam tão importantes assim (ainda que também sejam).

Se, por um lado, os arquétipos de poder inerentes à cultura brasileira se fizeram presentes na forma como quem doa se relaciona com quem recebe (como o doador enxerga seu papel e o papel do outro, e vice-versa), por outro, as escolhas feitas sob a lente da desconfiança parecem estar se tornando mais explícitas, mais evidentes (e sendo questionadas, tanto no Brasil, como no mundo). Há, também, sinais esperançosos de mudanças essenciais que vão, inclusive, para além do campo filantrópico, como o despertar para a transição do fazer eminentemente individual para o coletivo.

Em meio a uma diversidade de movimentos ocorridos em 2020, a verdade mais profunda é que reagimos da forma que somos naquele determinado momento. A tomada de consciência que tem o potencial de provocar

uma mudança sistêmica depende do engajamento de cada um de nós em nos desenvolvermos para tal. Galeano (1981) já dizia: “somos o que fazemos, mas somos, principalmente, o que fazemos para mudar o que somos”. Uma doação cada vez mais transformadora depende de conseguirmos enxergar e refletir sobre as dinâmicas subjacentes à doação, as timoneiras ocultas de nosso fazer (nas quais nos enredamos tão facilmente), de forma que possamos notá-las a cada passo e tomar decisões conscientes ao longo do caminho, criando novas possibilidades de percurso conforme caminhamos.

A pandemia – sua urgência, seu desconhecido – torna esse desafio ainda maior, o que também torna nossa reflexão ainda mais necessária, se não quisermos cair no automatismo ou repetir os mesmos erros. Nesse sentido, não se trata de apontar o dedo ou criticar a forma como a doação vem acontecendo, mas sim de, como atores desse campo, nos colocarmos disponíveis para aprendermos com a nossa própria prática, olharmos para ela em um nível mais profundo, buscando reconhecer nela suas luzes e sombras, de forma que possamos caminhar com mais confiança na direção da sociedade brasileira que queremos, na qual desejamos viver, a qual sonhamos deixar como legado aos filhos de todos (não apenas aos nossos).

Se a emergência de uma pandemia nos ajudou a dar passos – ora na direção desejada, ora na oposta a ela –, o que mudaria ainda mais no doar se fosse formado por uma relação entre doador, organizações sociais e beneficiários finais que conversam e aprendem uns com os outros? Qual a realidade que poderia nascer se aproveitarmos esse impulso para consolidarmos compreensões a respeito não apenas do ato de doar, mas nos aprofundarmos em relação às dinâmicas culturais de poder e desenvolvimento?

2021 poderia anunciar a primavera do doar. E de toda uma nova relação social.

REFERÊNCIAS

- ABCR – Associação Brasileira de Captadores de Recursos. 2020. **Monitor de doações Covid-19**. Disponível em: <https://www.monitordasdoacoes.org.br/pt>. Acesso em: 5 mar. 2021.
- BENFEITORIA. s.d. **#Família apoia família**. Disponível em: <https://benfeitoria.com/canal/familias>. Acesso em: 5 mar. 2021.
- BENFEITORIA. s.d.a. **Entenda as nossas ações de apoio frente aos impactos do coronavírus**. Disponível em: <https://benfeitoria.com/especial/covid?ref=footer>. Acesso em: 5 mar. 2021.
- BOS, L. 2010. **Confiança, doação e gratidão**: forças construtivas da vida social. São Paulo: Antroposófica, 2010.
- CAF – Charities Aid Foundation. 2014. Future world giving: building trust in charitable giving. Disponível em <https://sinapse.gife.org.br/download/future-world-giving-building-trust-in-charitable-giving>. Acesso em: 5 mar. 2021.
- EDELMAN. 2020. **Edelman Trust Barometer 2020**. Disponível em: <https://www.edelman.com/trust/2021-trust-barometer>. Acesso em 5 mar. 2021.
- GALEANO, E. [1981]. Voces de nuestro tiempo. In: **Revista do Memorial da América Latina**, n. 52, 1o sem. 2015. Disponível em: <http://www.memorial.org.br/wp-content/uploads/2007/03/revista52-port.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2021.
- GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. 2015. **Censo GIFE 2014**. Disponível em: <https://sinapse.gife.org.br/download/censo-gife-2014>. Acesso em: 5 mar. 2021.
- GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. 2019. **Censo GIFE 2018**. Disponível em: <https://sinapse.gife.org.br/download/censo-gife-2018>. Acesso em: 5 mar. 2021.
- GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. 2020. **Filantropia colaborativa**. Disponível em: <https://sinapse.gife.org.br/download/filantropia-colaborativa>. Acesso em: 5 mar.2021.
- HOLDREGE, C. 2005. Doing goethean science. **Janus Head**, 2005, v. 8, n. 1, p. 27-52.
- IDIS – Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social. 2016. **Pesquisa Doação Brasil 2015**. Disponível em: <https://www.idis.org.br/pesquisa-doacao-brasil/>. Acesso em: 5 mar. 2021.
- ITAÚ SOCIAL. 2020. **A pandemia na ótica das OSCs**. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2020/06/A-pandemia-na-ótica-das-OSCs.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2021.
- JUSTICE FUNDERS. s.d. **A new vision for philanthropy**. Disponível em: <http://justicefunders.org/resonance/a-new-vision-for-philanthropy/>. Acesso em: 5 mar. 2021.
- KRUEGER, R. 2006. Is it a focus group? Tips on how to tell. **Wound, Ostomy and Continence Nurses Society**, jul./ago. 2006, v. 33, n. 4, p. 363-366.
- MASSEY, O. 2011. A proposed model for the analysis and interpretation of focus groups in evaluation research. **Evaluation and Program Planning**, 2011, v. 34, p. 21-28. Disponível em: www.elsevier.com/locate/evalprogplan. Acesso em: 5 mar. 2021.
- MOBILIZA CONSULTORIA; REOS PARTNERS. 2020. **O impacto da Covid-19 nas OSC brasileiras**: da resposta imediata à resiliência. Disponível em: <https://mapaosc.ipea.gov.br/cms/arquivos/publications/1349-mobiliza.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2021.
- MOVIMENTO POR UMA CULTURA DE DOAÇÃO. 2011. **Quem somos**. Disponível em: <https://www.doar.org.br/quemsomos>. Acesso em: 5 mar. 2021.
- MOVIMENTO UNIÃO BR. s.d. **Quem somos**. Disponível em: <https://www.movimentouniaobr.com.br/>. Acesso em: 5 mar. 2021.
- MTJCV – MOVIMENTO TODOS JUNTOS CONTRA O VÍRUS. 2020. **As operadoras unindo forças para que você #fiquebemfiqueemcasa**. Disponível em: <https://www.fiquebemfiqueemcasa.com.br/>. Acesso em: 5 mar. 2021.
- STARKS, H.; TRINIDAD, S. 2007. Choose your method: a comparison of phenomenology, discourse analysis, and grounded theory. **Qualitative Health Research**, dez. 2007, v. 17, n. 10, p. 1372-1380.
- VAN MANEN, M. 2016. **Phenomenology of practice**: meaning giving methods in phenomenological research and writing. Londres: Routledge, 2016.

AS AUTORAS

Joana Lee Ribeiro Mortari é formada em Direito pela Universidade Mackenzie e com Master is Laws (LLM) pela Faculdade de Direito da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, e pós-graduada em Prática Social Reflexiva pela Universidade Alanus, na Alemanha. Atualmente é Diretora da Associação Acorde, organização social que trabalha pelo desenvolvimento humano de crianças e jovens em Embu das Artes e Cotia. É membro do Comitê Coordenador do Movimento por uma Cultura de Doação (MCD), uma rede colaborativa de pessoas e organizações dedicada à promoção da cultura de doar no Brasil. Conselheira do Instituto Mol e do Instituto Fonte para o Desenvolvimento Social.

Ana Bianca Biglione é formada em Administração de Empresas pela FGV-SP, com mestrado em Prática Social Reflexiva pela Universidade Alanus, na Alemanha. É facilitadora de processos de aprendizagem e desenvolvimento de iniciativas para empresas familiares, negócios, organizações sociais e indivíduos, no Brasil, Argentina e África do Sul. Fundadora e sócia da Noetá, atua em parceria com diversas pessoas e organizações, tais como Proteus Initiative (África do Sul) e Instituto Fonte, entre outras.

Coordenação geral Projeto Emergência Covid-19:

Erika Sanchez Saez

Apoio à coordenação geral: **Talita Ibrahim**

Supervisão: **José Marcelo Zacchi e Gustavo Bernardino**

Coordenação da publicação: **Carolina Magosso, Erika**

Sanchez Saez e Graziela Santiago

Revisão de textos: **Gleice Regina Guerra**

Projeto gráfico: **Tatiana Alves Cavalcanti**

Diagramação: **Alastra, Comunica.**

Apoiadores institucionais:

Alana | Fundação Bradesco | Fundação Ford |

Fundação Lemann | Fundação Tide Setubal |

Instituto Unibanco | Laudes Foundation



Este material é disponibilizado

sob a licença Creative

Commons Atribuição

Não Comercial 4.0 Internacional

[http://creativecommons.org/](http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0)

[licenses/by-nc/4.0](http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0)

As opiniões e análises

expressas nesta publicação não

necessariamente refletem as do GIFE.

ISBN: 978-65-86701-12-8

DOI: 10.33816/978-65-86701-12-8

© 2021 GIFE - Grupo de

Institutos Fundações e Empresas